

# Uma microanálise feita por João Cabral de Melo Neto

Rafaela de Abreu Gomes<sup>16</sup>

Universidade Federal do Ceará (UFC)

## **Resumo**

É comum escutarmos, acerca do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920-1999), afirmações ligadas à materialidade excessiva de sua escrita, ao trabalho intelectual apurado, ao caráter formal de seus poemas. Sabemos que João Cabral se mostrou construtivista em seus livros, mas sua poesia sugere possibilidades de interpretação mais amplas e, neste trabalho, nos dedicamos a uma delas. A partir da leitura de dois poemas cabralinos, retirados de *Poesia crítica* (1982) e de nosso conhecimento da obra poético-crítica cabralina, veremos como o poeta constrói uma análise para a relação do Brasil com o Nordeste. João Cabral de Melo Neto saiu do Recife ainda jovem em 1942, em direção ao Rio de Janeiro, de onde seguiria, em 1947, para fixar-se em Barcelona, seu primeiro posto diplomático. Num intervalo de 40 anos, o poeta continuou ligado fortemente ao Brasil e ao Recife e, neste trabalho, refletimos a esse respeito, a partir de sua poesia.

## **Palavras-chave**

Linguagem. Poesia. Interpretação. Crítica.

---

<sup>16</sup> Estudante do Doutorado acadêmico em letras (Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará), com orientação da professora Odalice de Castro Silva.

## Uma distância (im)provável

*O Brasil não é só o Nordeste, nem é só o homem de cultura baixa. O Brasil é, também, um país de regiões adiantadas e de gente de cultura alta. Escrever, exclusivamente, para um desses brasis é ser injusto para com o outro. Como me considero um poeta “construtivista” [...] me esforço para escrever para os dois.*  
(João Cabral de Melo Neto)

Para João Cabral de Melo Neto (1920-1999), “O poeta ou outro escritor qualquer, de um país subdesenvolvido como o Brasil, não pode desprezar a realidade dolorosa que o cerca” (MELO NETO, 2007, p. 28). Nos livros que escreveu, essa realidade compreende o estado de Pernambuco e, por extensão, o Nordeste inteiro, pois o poeta nasceu e cresceu no Recife e sua familiaridade com o lugar foi mantida e preservada ao longo da vida, mesmo que ele considerasse “difícil voltar ao Recife” (CAVALCANTI *apud* Revista Cult 1999, p. 33) depois de anos vivendo longe dele, pois a cidade viva em sua memória era aquela de sua infância e de sua juventude, menor, “uma cidade importante e vital para o país” (*Id., Ibid.*, p. 33).

De suas vivências e observações no Recife, João Cabral foi para as experiências em outros países (num intervalo de 40 anos de funções diplomáticas, entre as décadas de 1950 e 1990) e, apesar de não ter escrito acerca de questões específicas dos estados ou mesmo das regiões brasileiras, seu vínculo com o Brasil jamais foi rompido. Em conversa com Vinicius de Moraes<sup>17</sup>, este se referiu ao amigo, dizendo que ele sempre teve “[...] a nostalgia do engenho de sua infância. Para ele, um sonho bom é esse que o carrega dormindo para os seus dias de menino, à beira do Capibaribe, lendo romances”. Esse comentário de Vinicius pode ser comprovado com muitos poemas da obra cabralina, como em “Coisas de Cabeceira, Recife<sup>18</sup>”, onde “Diversas coisas se alinham na memória/ numa prateleira com um rótulo: Recife” (MELO NETO, 2007, p. 311), exemplo de que o poeta, aos 45 anos quando escreveu o poema, tinha as lembranças de infância e juventude bem organizadas em sua mente, como se estivessem dispostas em uma prateleira, materializadas como objetos queridos.

Nesse sentido, João Cabral não pretendeu se distanciar de seu país, nem de seu estado de origem. Assim como participou, na medida do possível, da vida literária do Brasil, através das cartas que trocou com escritores, poetas e intelectuais, ou mesmo nas vezes em que voltou ao Brasil para curtas estadas – nessas ocasiões, participou de alguns congressos,

---

17 Trata-se de “Um Poeta ganha 100 mil cruzeiros”, documento sem data nem referências, ao qual tivemos acesso durante visita à Fundação Casa de Rui Barbosa, nos dias 26 e 27 de março de 2015.

18 In: *A Educação pela Pedra*, livro escrito entre 1962 e 1965.

como o Congresso de Poesia do Recife, em 1941, onde proferiu *Considerações sobre o poeta dormindo*.

Em conferência na Academia Brasileira de Letras, em setembro de 2009, Antonio Carlos Secchin examinou de que modo é possível observar a tênue ligação entre João Cabral de Melo Neto e seus pares, em língua portuguesa, no Brasil, durante os anos em que o poeta esteve em outros países.

Seu exame consistiu em identificar as homenagens a escritores e poetas brasileiros, feitas pelo poeta através de títulos de poemas, epígrafes, dedicatórias de livros, referências diretas e indiretas a escritores e poetas nos poemas da obra cabralina. Embora descritivo, o trabalho de Secchin sugere inúmeras possibilidades de estudo para as relações de João Cabral com o Brasil e com a Literatura brasileira, uma vez que, dentre os 20 livros que escreveu, 14 são dedicados, além dos poemas em que há referências (diretas e indiretas) não apenas a escritores e poetas, mas também a pintores e arquitetos. O que Antonio Carlos Secchin nos mostra é que, apesar da vida longe do cotidiano literário brasileiro, João Cabral de Melo Neto não rompeu os elos com a Literatura de seu país de origem.

### Poesia crítica

Pensando nas referências aos pares brasileiros, nos propomos a discutir a postura de JCMN<sup>19</sup> diante da escrita ligada a um lugar, neste caso o Brasil, e ao papel do poeta diante de tal escrita. Para tanto, partiremos dos poemas “O Artista Inconfessável” e “A Pedra do Reino”, publicados originalmente, o primeiro no livro *Museu de Tudo* (1974) e o segundo, em *A Escola das Facas* (1980), mas retirados por nós do exemplar *Poesia Crítica* (1982), no qual João Cabral organizou, em duas seções, intituladas “Linguagem” e “Linguagens”, respectivamente, “[...] os poemas em que [...] tomou como assunto a criação poética e a obra ou a personalidade de criadores poetas ou não” (MELO NETO, 1982, Nota do autor). O “assunto” está definido, então: em “Linguagem” o poeta tratará da “criação poética” e, em “Linguagens”, da “obra ou personalidade de criadores poetas ou não”. A primeira parte do livro consta de 21 poemas e a segunda, mais longa, de 59 poemas.

Essa divisão aponta, segundo João Alexandre Barbosa, para uma complexidade decorrente do “[...] uso feito da palavra *assunto*, pois a pergunta que logo ocorre é de saber o que significa, para um poeta, a própria palavra, isto é, em que medida, por um lado, o poema

---

19 O poeta João Cabral de Melo Neto será indicado, a partir deste momento, pela sigla JCMN.

tem um assunto e, por outro, em que medida o poeta toma *como assunto* este ou aquele objeto” (BARBOSA, 1999, p. 23).

João Alexandre lança a questão, mas sabe que é arriscado respondê-la: saber em que medida a palavra *assunto* recupera situações relacionadas ao ofício da escrita, do poeta diante da folha em branco, em “Linguagem”, ou como se deu a escolha de outras formas poéticas (ou não) a partir das quais escrever um poema, em “Linguagens”, é querer entrar para o âmbito da escrita do poeta, para o momento de sua produção. Por isso, é preciso levar em consideração que a proposta de João Cabral, ao empregar a palavra *assunto*, foi tratar dos processos de criação poética: em “Linguagem”, a palavra está voltada para ela mesma, enquanto em “Linguagens”, a palavra é trabalhada para discutir a criação ficcional voltando-se para a escrita de outros criadores, poetas ou não.

*Poesia Crítica*<sup>20</sup> (1982) não teve reedições e não consta na Obra Completa<sup>21</sup> de João Cabral de Melo Neto, por isso, talvez, seja um livro pouco lido. No entanto, é indispensável ao pesquisador da obra cabralina a sua leitura, pois foi o único livro organizado pelo poeta, com o objetivo de reunir poemas de caráter crítico e poético, relacionados a criadores poetas (ou não), escolhidos não como “[...] reiteração de verdades a que o autor tenha chegado, mas apenas como consequência de uma permanente meditação sobre o ofício de criar” (MELO NETO, 1982, Nota do autor). Sobre a antologia, João Cabral disse tê-la feito para reunir, em livro “[...] a crítica que faria em prosa e fez em poesia” (MELO NETO, s/d, *apud* ATHAYDE, 1998, p. 26).

Para justificar sua necessidade de meditações contínuas acerca da criação poética, João Cabral reiterou a divisão feita em “Poesia e Composição” (1952) para as famílias de poetas: aqueles que consideravam a poesia como algo natural, à maneira de um dom, e aqueles que a viam como procura constante. Por pertencer ao segundo grupo é que ele sentiu necessidade de tentar uma análise de sua obra e, dela, retirar poemas que dessem, ao leitor, possibilidades de pensar sobre o ofício da criação poética e sobre as relações desse ofício com o mundo no qual o poeta estivesse inserido. Por isso, uma advertência:

Quanto à ideia de, em poesia, falar de poesia ou de outras formas de criação, crê o autor que ela só parecerá coisa estranha a quem ignora tudo do que escreveu. Quem teve contato com pouca parte de sua obra, sabe que ele nunca entendeu a linguagem

---

20 Sobre a organização formal do livro, sob uma perspectiva matemática, e sua relação com a pintura do holandês Piet Mondrian (1872-1944), há um estudo de Helton Gonçalves de Souza, chamado *A Poesia Crítica de João Cabral de Melo Neto* (Annablume, 1999), no qual os poemas de *Poesia Crítica* são analisados a partir da organização diretamente pensada por João Cabral, submetida ao número quatro. Nesse sentido, esse é um estudo que conflui para esta pesquisa, pois considera a atuação direta de João Cabral de Melo Neto na organização editorial de *Poesia Crítica*.

21 Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2007.

poética como uma coisa autônoma, intransitiva, uma fogueira ardendo por si, cujo interesse estaria no próprio espetáculo de sua combustão: mas como uma forma de linguagem como qualquer outra [forma de linguagem]. (MELO NETO, 1982, Nota do autor)

É preciso ter lido a obra de João Cabral de Melo Neto antes de partir para a leitura de *Poesia Crítica* (1982) e o poeta nos diz isso na nota que precede os poemas, para que não caiamos no erro comum de atribuir expressões redutoras à sua poesia, acusando-a de um possível hermetismo ou mesmo de uma materialidade excessiva.

Quem leu os livros de João Cabral de Melo Neto sabe que a relação entre linguagem, escrita e mundo sensível está presente em sua obra e que o poeta se manteve atento às possíveis significações originadas de seus poemas, no sentido de que buscou escrever com clareza para que o leitor concretizasse e reconstruísse suas expectativas diante de um poema cabralino.

A linguagem poética, em seu entendimento, não esteve associada a adornos ou impressionismos, ele a tratou como uma linguagem entre outras, uma potencialidade a ser utilizada pelo poeta para recriar suas experiências e observações do mundo, a fim de que, após leitura e releitura de seus poemas, o leitor fosse capaz de entender a realidade, em suas múltiplas faces, transformada pelo texto poético e, por extensão, pudesse pensar sobre o mundo e suas circunstâncias, ao que ele mesmo disse: “(...) sempre o poema é sobre um assunto, que eu procuro dar a ver da maneira mais clara possível, e deixo que o leitor tire a conclusão” (MELO NETO, 2007, p. 22).

Nós sabemos que há uma distância entre a experiência e a imagem construída a partir dessa experiência no texto poético cabralino – assim como em todo texto ficcional –, mas não podemos confundi-la com ausência da realidade nos poemas de João Cabral, tampouco considerar que sua poesia se configure de maneira intransitiva. O poeta construiu uma “forma de linguagem transitiva, com a qual se poderia falar de qualquer coisa, contanto que sua qualidade de linguagem poética fosse preservada. Assim por que não uma poesia crítica?” (MELO NETO, 1982, Nota do autor).

Uma linguagem que fale sobre aquilo que o poeta vê, quando escreve, sobre o lugar de onde parte para a escrita do poema, sobre qualquer circunstância que mereça sua atenção, mas, sobretudo, uma linguagem poética construída para alcançar um leitor, ligada à realidade de maneira crítica, configurada por meio de poemas capazes de ensinar o leitor a entender a arte da escrita, pois está voltada para a análise de suas próprias estruturas, e a entender a vida, a sua e a do outro, pois está ligada à realidade.

## Dois poemas

João Alexandre Barbosa não nos deixa esquecer: a transitividade da linguagem, mesmo que todas as propostas de João Cabral sejam definidas e apresentadas ao leitor no que concerne à organização de *Poesia Crítica* (1982), “[...] pode enganosamente parecer óbvia, mas é relativizada pelo que há, como sempre, de abstrato e, portanto, de intransitivo, no trabalho da linguagem” (BARBOSA, 1999, p. 26). Dito de outro modo: é preciso cuidado ao tentar retirar o caráter intransitivo do processo de criação poética, pois a linguagem, enquanto potencialidade biológica de um indivíduo, é intransitiva, no sentido de que ela existe (virtualmente) e não será modificada.

O trabalho do poeta se dá no plano dos desdobramentos que podem ser construídos a partir da língua portuguesa. Sabendo disso, vejamos os poemas que retiramos de *Poesia Crítica* (1982). O primeiro se chama “O Artista Inconfessável”, embora publicado originalmente em *Museu de Tudo*, de 1974, é o segundo poema na sequência de “Linguagem”, onde encontramos poemas oriundos de publicações anteriores a 1974. O texto diz o seguinte:

Fazer o que seja é inútil.  
Não fazer nada é inútil.  
Mas entre fazer e não fazer  
mais vale o inútil do fazer.  
Mas não fazer para esquecer  
que é inútil: nunca o esquecer.  
Mas fazer o inútil sabendo  
que ele é inútil, e bem sabendo  
que é inútil e que seu sentido  
não será sequer pressentido,  
fazer: porque ele é mais difícil  
do que não fazer, e difícil-  
mente se poderá dizer  
com mais desdém, ou então dizer  
mais direto ao leitor Ninguém  
que o feito foi para ninguém.  
(MELO NETO, 1982, p. 5).

Eis uma imagem de poeta, escolhida por João Cabral de Melo Neto: um artista que não se confessa como tal, para quem não há diferença entre uma ação e uma recusa, sob a condição de que a recusa não pode ser feita em favor do esquecimento – nesse caso, é preciso escolher a ação. O poeta está nesse lugar de escolha entre o sim e o não, mas, ao mesmo tempo, ele sabe que não pode se submeter a esquecimentos, por isso escolhe a ação. Consciente de que seu ofício é “inútil”, ele sabe que não há garantias de que um poema alcance um leitor em potencial, que lhe ensine algo, apesar disso escolhe “fazer: porque ele é

mais difícil/ do que não fazer”. Todavia, sua escolha pela ação não elimina o fato de que o poeta não tem garantias de que um poema seja lido e compreendido pelo leitor em potencial. Ele se refere ao “leitor Ninguém”, ou seja, ao leitor provável, dizendo que seu poema não foi destinado a nenhum grupo de pessoas em particular – o poema não se direciona a “ninguém”. O poeta não nega, por isso, a ação (também movida pela palavra), embora saiba do “inútil” da arte; em sua “inutilidade”, ela realiza suas potencialidades.

Portanto, a “luta” do poeta com a palavra está situada no centro de muitas dúvidas: não há garantias de que escolher a ação seja o melhor a fazer e não há nada de concreto em relação ao leitor que, talvez, dedique-se à leitura de seus poemas. Por isso, o poeta não tem garantias para se autointitular um artista – ele permanece num estado inconfessável. Ainda assim, se decide pela ação e, com isso, João Cabral dá “[...] mais uma lição ao leitor, e ao leitor crítico, de sua obra: a de que a sonhada transitividade do poema não se atinge sem o risco da crítica de seus termos” (BARBOSA, 1999, p. 28-29), ou seja, é preciso pôr em revista constantemente a estrutura do poema para que seu autor tenha consciência do alcance do texto: talvez ele não desperte o leitor para as possibilidades de ver o real, a partir da ficção. O poema pode ser bem ou mal sucedido no que se refere a possíveis objetivos de seu autor e este deve esperar, também, por isso, ou por surpresas quanto ao poder de motivar atitudes, ações positivas, que um poema de sua autoria possa ter.

Assim, porque escolheu a ação, mesmo considerando-a inútil, o poeta precisa revisar suas motivações para essa escolha. Ele deve voltar-se constantemente para seu processo de criação poética, certo de que estará rodeado por incertezas, mas consciente de que precisa agir: por isso a procura de João Cabral pela poesia transitiva, isto é, pela poesia que objetiva uma ação, mas também a poesia que se volta para seus termos e reflete sobre a validade que eles possam ter.

Esta é uma poesia que trata um objeto de maneira crítica. Assim, em “O Artista Inconfessável”, somos apresentados a dificuldades que um poeta enfrenta no momento da escrita. De outro modo, em “A Pedra do Reino”, originário do livro *A Escola das Facas* (1980), percebemos como o processo de criação poética pode ser pensado de maneira relacional. O título faz referência ao livro *O Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1971), de Ariano Suassuna (1927-2014) e, lendo o poema, identificamos de que modo a experiência da leitura que João Cabral fez do romance de Ariano origina imagens que apresentam criticamente sua leitura, ao mesmo tempo em que alcançam um espaço mais amplo, caracterizado pela relação entre o Nordeste e o Brasil. Vejamos o poema, a partir de suas quatro estrofes:

1. Foi bem saber-se que o Sertão  
não só fala a língua do *não*.  
Para o Brasil, ele é o Nordeste  
que quando cada seca desce,  
que quando não chove em seu reino  
segue o que algum remoto texto:  
descer para a beira do mar  
(que não se bebe e pouco dá).

2. Os escritores que do Brejo,  
ou que da Mata, têm o sestro  
de só dar a vê-lo no pouco,  
no quando em que o vê, sertão osso.  
Para o litoral, o esqueleto  
é o ser, o estilo sertanejo,  
que pode dar uma estrutura  
ao discurso que se discursa.  
(MELO NETO, 1982, p. 46)

Apresentadas as duas primeiras estrofes do poema, vemos de que modo microanálises são elementos caracterizadores da poesia cabralina. Se, em “O Artista Inconfessável”, o poeta está voltado para o fazer poético e para as “utilidades” desse ofício, em “A Pedra do Reino”, ele está voltado para a construção de outro criador, por isso a seção da qual retiramos o poema chamar-se “Linguagens”, e, a partir disso, ele reflete de modo crítico acerca da relação entre o Nordeste e o Brasil.

O primeiro verso chama a atenção do leitor para essa relação conflituosa: “Foi bem saber-se que o Sertão/ não só fala a língua do *não*”. A propósito do título do poema, seguido desse verso, é possível recuperarmos o contexto difícil segundo o qual o Nordeste se refere à fome, à pobreza extrema e à falta de água, numa língua que só fala o *não*. Recuperado, rapidamente, tal cenário, o poeta nos lança outra perspectiva, construída, nesse caso, a partir do romance de Ariano: é bom saber que, mesmo com o rótulo da negatividade, há outras línguas no Sertão. O primeiro verso do poema é fundamental para sabermos que o poeta dividirá o poema pautado por esses dois pontos de vista: a língua do não e a do sim.

Com a língua do não, o poeta nos lança algumas provocações: a primeira, já o dissemos, está no primeiro verso e nos diz das outras linguagens do Sertão; a segunda consiste no rótulo que o Nordeste representou, durante muitos anos, para o Brasil: um lugar de seca que afugenta seus habitantes para outras terras – para estes, o Nordeste é o Sertão, para aqueles, é apenas o Nordeste, com toda a sua falta –, uma ideia criticada pelo poeta porque “segue o que algum remoto texto:/ descer para a beira do mar”. Só mesmo os textos antigos é

que ainda veiculariam informações dessa natureza a respeito do Nordeste (o poema faz parte de *A Escola das Facas*, livro de 1980), quando deveriam ensinar em que circunstâncias viviam os sertanejos e por quais motivos. Lançadas as provocações, o poeta conduz-nos pela outra face do Sertão, apresentada a nós com a língua do sim. Vejamos a segunda parte de “A Pedra do Reino”:

1. Tu que conviveste o Sertão  
quando no sim esquece o não,  
e sabes seu viver ambíguo,  
vestido de sola e de mitos,  
a quem só o vê retirante,  
vazio do que nele é cante,  
  
nos deste a ver que nele o homem  
não é só o capaz de sede e fome.

2. Sertanejo, nos explicaste  
como gente à beira do quase,  
que habita caatingas sem mel  
cria os romances de cordel:  
  
o espaço mágico e feérico,  
sem o imediato e o famélico,  
  
fantástico espaço suassuna  
que ensina que o deserto funda.  
(MELO NETO, 1982, p. 46-47)

Eis a língua do sim: só a compreende quem (con)viveu o Sertão. Este sabe da ambiguidade inerente ao lugar, onde coexistem mitos e brigas (“sola”), onde um homem “não é só capaz de sede e fome”. Não é o Sertão, o lugar “retirante”, no sentido de que todos que nele habitam, se unem para um motivo: retirar-se dele. Quem o vê dessa forma, desconhece-o, incapaz de vê-lo por trás do rótulo Nordeste. Aproximando-nos do Sertão, vemos que sua gente não fala uma língua do não, embora viva num estado “à beira do quase”, onde a fome e a fantasia fazem parte de um mesmo ser e, mesmo sem a doçura originada de farturas, consegue viver e criar suas pequenas histórias, retomadas pelo “fantástico espaço suassuna/que ensina que o deserto funda”. Toda a reflexão do poeta esteve diretamente ligada à leitura que fez do romance de Ariano, no qual o universo mítico e fantástico faz parte da realidade do Sertão. Foi sua leitura do romance um ensinamento acerca do Sertão, de sua fertilidade, vista apenas por quem se dispõe a conhecê-la.

João Cabral trata do ofício poético e do caráter social do poema, isto é, de sua ligação com uma sociedade, de modo mais amplo, não engajado em partidarismos – seu “engajamento” é de conscientização e desalienação –, mas preocupado com um leitor em

potencial, em despertá-lo para um pensamento crítico sobre o que o cerca. Nós percebemos claramente como tais preocupações se configuram em “A Pedra do Reino”, oportunidade em que o poeta se volta para o ofício da escrita (do outro e, por extensão, para o seu próprio) e nos mostra novas possibilidades interpretativas naquilo que foi escrito por outro escritor/poeta, através de seu poema.

## Referências

ATHAYDE, Félix de. **Ideias Fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: FBN; Mogi das Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

BARBOSA, João Alexandre. “A Poesia Crítica de João Cabral de Melo Neto”. In: **Cult: Revista Brasileira de Literatura**. Número 29. São Paulo: dezembro de 1999.

IVO, Lêdo; JUNQUEIRA, Ivan; SECCHIN, Antonio Carlos; TAPIA, Nicolás Extremera. **MESA-REDONDA: “Dez anos sem João Cabral de Melo Neto”**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 24 de setembro de 2009.

MELO NETO, João Cabral de. **Poesia Crítica**: antologia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

\_\_\_\_\_. **Poesia Completa e Prosa**. Org. Antonio Carlos Secchin. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2007. (Biblioteca luso-brasileira: série brasileira. Coleção Nova Aguilar).

\_\_\_\_\_. **A Educação pela Pedra**. In: **Poesia Completa e Prosa**. Org. Antonio Carlos Secchin. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2007. (Biblioteca luso-brasileira: série brasileira. Coleção Nova Aguilar).

\_\_\_\_\_. **Museu de Tudo**. In: **Poesia Completa e Prosa**. Org. Antonio Carlos Secchin. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2007. (Biblioteca luso-brasileira: série brasileira. Coleção Nova Aguilar).

\_\_\_\_\_. **A Escola das Facas**. In: **Poesia Completa e Prosa**. Org. Antonio Carlos Secchin. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2007. (Biblioteca luso-brasileira: série brasileira. Coleção Nova Aguilar).

SOUZA, Helton Gonçalves de. Org. **A Poesia Crítica de João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Annablume, 1999.

## UN MICRO ANÁLISIS HECHO POR JOÃO CABRAL DE MELO NETO

### Resumen

Es común escuchar, acerca del poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920-199), afirmaciones ligadas a la materialidad excesiva de su escritura, al trabajo intelectual apurado, al carácter formal de sus poemas. Sabemos que João Cabral se mostró constructivista en sus libros, pero su poesía sugiere posibilidades de interpretación más amplias y, en este trabajo, nos dedicamos a una de ellas. A partir de la lectura de dos poemas cabralinos, retirados de *Poesía crítica* (1982) y de nuestro conocimiento de la obra poético-crítica cabralina, veremos cómo el poeta construye un análisis para la relación de Brasil con el Nordeste. João Cabral de Melo Neto salió de Recife aún joven en 1942, hacia Río de Janeiro, de donde seguiría, en 1947, para fijarse en Barcelona, su primer puesto diplomático. En un intervalo de 40 años, el poeta continuó ligado fuertemente a Brasil y Recife y, en este trabajo, reflexionamos a ese respecto, a partir de su poesía.

### Palavras-clave

Lenguaje. Poesía. Interpretación. Crítica.

---

Recebido em: 28/08/2017

Aprovado em: 19/02/2018